

# Alfabetização Financeira

**Quanto mais cedo as crianças aprendem a lidar com dinheiro, mais cedo terão independência econômica.**

Por Priscilla Stehling e Meire Araújo.

*Especialistas acreditam que a relação do ser humano com as finanças está associada às experiências vividas durante a infância.*

*“O primeiro modelo que a criança vai ter na relação com o dinheiro é em casa” - Psicóloga Patrícia de Rezende.*

O sinal do recreio tocou. Joãozinho abriu a bolsa e alcançou lá do fundo uma maçã que sua mãe embrulhou no guardanapo. Marina também levou lanche de casa. Retirou da lancheira uma garrafa de suco e um sanduíche, mas dividiu com Guilherme que gastou toda sua mesada em adesivos coloridos na semana anterior.

Alguns anos mais tarde. O expediente do trabalho termina. João passa no supermercado e faz a compra da semana. Prefere comer em casa porque economiza o salário do mês. Marina também decide por economizar. Guilherme, por outro lado, já está com o saldo negativo. Mesmo assim, entra no restaurante da esquina e não resiste ao cheiro daquele prato especial. E mais uma vez, gasta antes de ganhar.

Embora a estória acima seja ilustrativa, ela resume a realidade de centenas de brasileiros. De acordo com a psicóloga Patrícia de Rezende, especializada em orientação de finanças pessoais, muitos adultos não sabem lidar com seu dinheiro porque não tiveram o devido preparo durante a infância. “Observar como seus filhos administram a mesada é um simples exemplo, mas que ilustra bem”, propõe.

Especialistas acreditam que a relação do ser humano com as finanças está associada às experiências vividas durante a infância. Para eles o assunto deveria ser discutido em sala de aula.

Mas se a educação financeira é tão importante, por que o ensino ainda não é comum nas redes educacionais? Quem são os responsáveis por abordar o assunto: os pais ou a escola?

## **Realidade do ensino**

Priorizar a educação financeira é uma boa alternativa para que as crianças tenham no futuro uma relação saudável com o dinheiro. Conforme analisa o especialista em educação financeira Álvaro Modernell, o assunto é tão relevante quanto questões relacionadas à educação alimentar e ambiental. “Lidar com o dinheiro é algo do dia-a-dia”, confirma.

No entanto, são poucas as escolas que se preocupam em criar essa conscientização em seus alunos. O maior motivo destacado por Modernell é o histórico do governo brasileiro. Ele avalia que na época da inflação era impossível fazer planejamento.

“Muitos que hoje atuam como diretores de escolas e de empresas foram criados e educados num ambiente inflacionário. Eles não foram preparados para lidar com o dinheiro”, analisa. Essa realidade mudou, mas a consciência dos responsáveis pelo governo e pelas escolas não acompanhou o processo.

O assunto finanças ainda não faz parte do conteúdo didático da maioria das escolas brasileiras. Isso porque atividades que excedam ao conhecimento básico da educação compõem a grade acadêmica de uma pequena parcela de estudantes brasileiros, os de nível sócio-econômico mais elevado. “Alunos de escolas particulares têm oportunidade de buscar por espanhol, línguas estrangeiras, educação artística, musical e financeira”, complementa Modernell.

### Primeiros passos

Iniciativas amadoras e profissionais vêm somando esforços para mudar o quadro. Um exemplo é o projeto do deputado André Soares, do partido dos democratas (DEM). O projeto de lei nº 834/2007 sugere que a disciplina de Educação Financeira seja obrigatória no currículo escolar da rede pública estadual de São Paulo. O programa inclui noções básicas de economia e formas simples de investimento, além de ajudar os alunos a fazer um planejamento de finanças pessoais sustentável. O objetivo da matéria será promover e estimular os alunos a administrarem racionalmente seus recursos.

O projeto comprova como o assunto Educação Financeira ainda dá os primeiros passos no Brasil. Ele recomenda que a matéria seja implantada entre os alunos do segundo ano do Ensino Médio. Mas a especialista em educação financeira Cássia D'Aquino, único membro sul-americano da Associação Internacional para a Cidadania e Educação Econômica e Social (Iacsee), afirma que as noções básicas sobre como lidar com o dinheiro devem acontecer nos primeiros anos da infância. “Construímos as bases de nossa relação com o dinheiro até por volta dos cinco anos de idade”, afirma.

A princípio, o projeto sugeria que a disciplina fosse ministrada só por economistas. Mas houve alteração no programa. O deputado André Soares explica que na versão final, todo profissional da rede pública estadual que se submeter a um curso específico sobre o tema, poderá ministrar a disciplina.

Modernell concorda com as mudanças. Para ele, o ensino da matéria não pode limitar-se a uma classe da população. É preciso que alcance todos os níveis. Se o governo restringisse o ensino a economistas, estaria reduzindo a possibilidade de atuação de outras pessoas, encarecendo o projeto e impossibilitando a sua concretização.

O deputado esclarece ainda que não existe previsão para que o programa entre em vigor. “Não tem como dizer uma data, fazer uma previsão, porque o processo é longo”, lamenta.

## Responsabilidade de quem?

Na infância, Guilherme apresentava características de alguém desorganizado financeiramente. Entretanto, seus hábitos não mudaram depois que ele cresceu e saiu de casa. Isso ocorre por deficiência na orientação dos pais ou da escola? A falta de posição destes influentes atrapalha o desenvolvimento das crianças na compreensão de questões relacionadas ao dinheiro. Sobre quem deve estar a real responsabilidade de orientar?

A psicóloga Patrícia de Rezende salienta que os pais devem observar desde cedo a relação de seus filhos com o dinheiro. Segundo ela, essa análise é muito importante porque educação financeira é como educação formal. “O primeiro modelo que a criança terá na relação com o dinheiro é em casa”, enfatiza. Cássia D'Aquino concorda que as famílias devem estar à frente, mas ressalta ainda que as escolas devem reforçar a formação que os alunos adquiriram em casa.

Segundo Modernell, é muito importante que tanto a família quanto a escola conscientizem as crianças quanto ao assunto. “A responsabilidade da família e da escola é de 100%. Não dá para um esperar pelo outro, um depende do outro”, acrescenta.

No entanto, para que os pais possam colaborar no processo é necessário que muitos deles primeiro se auto-eduquem financeiramente. Patrícia adverte que esse perfil de pais deve comprometer-se mentalmente com as mudanças e depois tomar atitudes de ordem prática.

Mesmo que o projeto ainda não tenha sido aprovado, ele recomenda a existência de uma disciplina exclusiva para o ensino de educação financeira. E as escolas já podem priorizar o assunto. O trabalho pode ser realizado das mais variadas formas. Dentre elas estão as “semanas acadêmicas”, direcionadas ao estudo de finanças; os projetos paralelos em sala de aula; as gincanas; os concursos de redação sobre o assunto ou mesmo sugestões de leitura.

## Projetos em curso

Em 2007, os membros da lacsee iniciaram pela primeira vez no Brasil um programa sobre educação financeira nas escolas. O projeto piloto foi promovido pela empresa *The Money Camp*, que se baseou em projetos já realizados nos Estados Unidos há cinco anos.

Hoje, escolas brasileiras seguem a estratégia aplicando o conteúdo em sala de aula. Um exemplo é o Colégio Adventista de Belo Horizonte (CABH). O professor e diretor Irismar Gonçalves afirma que a escola se preocupa em dar uma formação completa aos seus alunos e por isso desenvolve projetos que ensinam finanças. Ele adianta que a iniciativa ajuda os alunos dentro e fora da classe. “Quanto antes formarmos cidadãos preparados para sociedade, melhor. Nossos alunos poderão não só aprender sobre

este importante aspecto da vida em sociedade como também dar dicas aos outros membros da família”, enfatiza.

Fazer com que os alunos juntassem moedas para encher um cofrinho que deveria estar permanentemente em sala de aula. Essa foi a idéia inicial da professora Keila Viana, que leciona para o 4º ano do ensino fundamental do CABH. Além disso, Keila buscou ensinar conceitos básicos de economia como saldo, débito, poupança e retirada de dinheiro. Ao final do ano, foi organizada uma festinha com a quantia economizada pelas crianças. O aluno Davner Ribeiro Toledo, do 5º ano do ensino fundamental, gostou das aulas e pôde sentir os resultados positivos do programa. “Foi bem legal. Todos os dias a gente colocava moedas no cofre. No final, deu um valor alto e eu aprendi a economizar mais”, conta.

O programa que começou em 2005 tem se desenvolvido a cada ano. Para a turma de 2005, a professora pretende inaugurar o “banco da turma” e agendar visita a um banco real para que o contato direto das crianças com as máquinas de retirada torne o aprendizado mais interessante.

O livro *Como vai seu bolso?*, de Neusa Schultz e Rute Maria da Silva, pode ajudar os professores na alfabetização financeira. Ele aborda o assunto de maneira prática. As autoras elaboraram um projeto para ser aplicado a cada semana nas salas de aula. Ao final de cada capítulo surge uma problemática e algumas atividades para que os alunos realizem. Assim podem vivenciar situações matemáticas reais.

Se a educação financeira for trabalhada desde cedo com os alunos, as escolas formarão adultos mais preparados para a próxima geração. Modernell garante que a influência deles fará com que as crianças daqui a dez anos recebam a educação financeira com muito mais naturalidade e estrutura.

### **Pais: gastem menos e poupem mais**

1. Planeje sua vida financeira. Estabeleça prioridades e seja persistente em alcançar suas metas.
2. Conheça as despesas e receitas de sua família.
3. Faça um orçamento familiar. Crie uma poupança.
4. Acabe com as dívidas.
5. Invista. Reserve todo mês uma pequena quantia do salário.
6. Saiba aplicar seu dinheiro com segurança. Avalie os riscos.

### **A preocupação dos pais com a vida financeira dos filhos.**

#### **1.617 pessoas participaram da pesquisa.**

34% - é importante aprender a economizar para o futuro.

28% - as crianças precisam gastar o dinheiro com sabedoria.

28% - o melhor é fazer do dinheiro um apoio financeiro.

10% - o importante é não se tornar escravo do dinheiro.

Pesquisa feita pelo site [www.educfinanceira.com.br](http://www.educfinanceira.com.br).

**Conselhos de Ellen G. White:**

“No estudo dos números deve o trabalho ser prático. Que ensine cada jovem e criança não simplesmente a resolver problemas imaginários, mas fazer com precisão as contas de seus próprios ganhos e gastos. Que aprendam o devido uso do dinheiro, usando-o. Que seja suprido por seus pais, quer seja ganho por eles mesmos. Aprendam os moços e as moças a escolher e comprar suas próprias roupas, seus livros e outras coisas necessárias; e fazendo um registro de suas despesas aprenderão como não o fariam de qualquer outra maneira, o valor e o uso do dinheiro”

*Autora:* Ellen G. White

*Livro:* Educação

*Cap. “Métodos de Ensino”*

*Páginas 238 e 239*

**Dever de casa**

1. Diferencie "desejo" de “necessidade” de consumo.
2. Reconheça que o impulso não é um bom conselheiro no momento de realizar uma compra.
3. Compreenda que muitas pessoas são vítimas do consumismo.
4. Perceba que todos nós podemos escolher o quê, quando, como comprar e quanto pagar.
5. Identifique as reais necessidades de consumo.
6. Aprenda a orçar e controlar seus gastos.

Fonte: livro *Como vai seu bolso?*, de Neusa Letícia L. Schultz e Rute Maria M. da Silva, da editora Casa Publicadora Brasileira

Matéria publicada na revista da *Escola Adventista* do 1º semestre de 2008